

# Comer ou apenas Nutrir-se? Eis a Questão

Juliana Dias<sup>1</sup>

A abordagem da alimentação na escola não deveria se limitar a cultivar hábitos saudáveis, em uma visão que coloca o alimento como nutriente e a responsabilidade nos ombros do sujeito que come. A escola é o lugar das interações sociais, de produção de sentido (CARRANO, 2009) e instituição cultural (PÉREZ, 1999). Portanto, é necessário ampliar os olhares para o valor da alimentação escolar. Essa é uma poderosa ferramenta para matar a fome de conhecimento, renovando o entendimento sobre a relação com a comida, a fim de engajar e transformar pessoas, comunidades e sociedades.

Desde 2009, a Lei de Alimentação Escolar (11.947) oficializa o olhar cultural sobre o comer e inclui a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) no processo de ensino-aprendizagem que deve perpassar o currículo escolar. Essa política pública estimula o respeito às tradições alimentares e à preferência alimentar local saudável, ao desenvolvimento biopsicossocial e amplia a presença de outros profissionais na escola, com proposta interdisciplinar e integrando diversos setores e instituições, do poder público e da sociedade civil. Também determina que ao menos 30% dos alimentos comprados para a refeição escolar venham da agricultura familiar local, preferencialmente produzidos de forma agroecológica ou orgânica.

A essa legislação soma-se uma nova Resolução (no 26 de 17/06/2013) do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Ela permitirá à escola colocar a comida no centro do debate sobre os desafios contemporâneos. O alimento passa a ser considerado “ferramenta pedagógica” para as ações de Educação Alimentar Nutricional, que deve ser “transdisciplinar, intersetorial, multiprofissional, de prática contínua e permanente” (Art. 13). Assim, justifica-se a ampliação do significado desse aprendizado alimentar, em busca de uma articulação mais integrada com os membros da comunidade escolar e a sociedade civil.

Outro ponto importante da Resolução é estimular a formação de pessoas envolvidas direta ou indiretamente com a alimentação na escola. Aqui, podemos considerar professores, inspetores, gestores, pais, entre outros. Dinamizar o currículo; promover metodologias inovadoras para o trabalho pedagógico; e estimular o desenvolvimento de tecnologias sociais voltadas para o campo da alimentação escolar, são algumas das recomendações. Tratar de alimentação e escola, portanto, é olhar para o indivíduo e a sociedade.

O sociólogo francês Claude Fischler<sup>2</sup> comentou que nos últimos anos tem se

<sup>1</sup> *Jornalista e Mestre em Educação em Ciências da Saúde pela UFRJ. Doutoranda em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia pela UFRJ.*

<sup>2</sup> *Comunicação oral durante o I Congresso Comer en la Escuela, realizado em Barcelona, na Espanha, em maio de 2012.*

dedicado a pesquisas sobre alimentação no contexto escolar. Para ele, a sociedade depende da escola para a educação alimentar das crianças. Por isso, o tema está em alta nas pesquisas acadêmicas, em congressos científicos e debates com lideranças políticas internacionais, como a primeira-dama dos Estados Unidos Michelle Obama; e a chef norte-americana, Alice Waters, idealizadora do projeto *Edible Schoolyard*, que influenciou diretamente o posicionamento de Michelle Obama nesse campo. Trata-se de um novo tema de investigação e debates, que no Brasil está sendo estudado em diversas áreas de conhecimento. Fischler aponta que, antes, não comer era um problema, agora configura-se como um desafio diário e ameaçador.

Comer e conhecer estão entrelaçados no processo educativo para a vida, e na construção da cidadania. As palavras sabor e saber vêm da mesma fonte etimológica: *sapere*. Sabedoria (*sapientia*) quer dizer conhecimento saboroso; e o sábio (*sapio*) é aquele que saboreia. Aprender tem gosto. Deve ser saboroso e com prazer. Saber o que se come diz respeito à identidade cultural, autonomia e consciência crítica para deliberar sobre o que se coloca no prato e participar das tomadas de decisões sobre o rumo do sistema alimentar moderno.

Buscar sentido em comer, cozinhar e compartilhar as refeições se faz urgente em um tempo em que o indivíduo se sobrepõe ao coletivo e as refeições em casa são compartimentadas e herméticas, assim como as pedagogias que segmentam o conhecimento. Faz sentido acessar a memória gustativa para refletir sobre a contemporaneidade; convocar os poetas, educadores, artistas e literatos para ampliar a visão e os significados sobre o ato de se alimentar.

Para prosseguir nessa empreitada, é preciso resgatar o sentido das palavras “educar” e “crítica”. Educar vem do latim *educare*, que originalmente significava criar, nutrir, amamentar, cuidar. Depois, passou a significar instruir, ensinar. *Educare* também tem o sentido de *ex-ductere* (*educere*) que significa conduzir para fora, lançar, “tirar de dentro”, parir, produzir. Tais significados parecem completar-se demonstrando, por um lado, que, para educar, seria necessário alimentar, nutrir. Aquele que está sendo educado nutre-se de conhecimentos. Por outro lado, indica que esse processo deve partir de dentro, sendo necessário ter fome e demonstrá-la (GARCIA, 2001, p. 95-96).

A tão desejada consciência crítica, a qual se espera inculcar nos aprendizes, também tem relação com o comer. Crítica deriva do grego *krinein*, que quer dizer julgar, separar, distinguir. Ora, o degustador profissional de comida ou vinho exerce a crítica. Ele não come indiscriminadamente tudo que lhe chega à mesa. Apenas prova. E ao corpo caberá fazer o julgamento e dar sua sentença: é bom ou ruim. O sabor tem sempre a palavra final, sob esse aspecto (ALVES, 2011, p. 61). Trazendo essa ideia para o aprendizado, as informações que chegam aos aprendizes devem, da mesma forma, ser degustadas, em vez de incorporadas sem julgamento ou crítica.

A partir dos significados de educação, saber e crítica, é oportuno propor uma associação entre o comedor biológico e o comedor cultural, tal como o sociólogo Claude Fischler definiu o homem onívoro. Assim, educar é nutrir, aspecto fisiológico e vital para a sobrevivência humana. Da mesma maneira, as disciplinas são elementares para o conhecimento escolar. Saber é descobrir sabores, característica social, construída pelo convívio entre alunos, professores, amigos e família, tal qual o ambiente escolar proporciona. Trata-se de um conhecimento que não está apenas no conteúdo. É apreendido na experiência saborosa da sociabilidade e do aprendizado com o cotidiano. Portanto, educar, saber e exercer um olhar crítico para o mundo não podem ser dissociados. Essa ligação inerente pode ser aquecida pelo sabor do conhecimento, escolar, científico e popular, além do calor do fogão.

Ao refletir sobre as relações entre educar/nutrir, saber/sabor e crítica/degustação, o pensamento de Paulo Freire é pertinente ao considerar que não se deve separar o cognitivo do emocional no aprendizado:

Estudamos, aprendemos, ensinamos e conhecemos (...) com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e com a razão crítica (1998, p. 8).

Tendo em vista as demandas da Lei de Alimentação Escolar e uma reflexão a respeito da interseção entre alimentação e educação, buscamos apontar a sinergia entre esses dois campos. É vital estreitar e evidenciar os elos por meio da interdisciplinaridade, visando a uma atitude transdisciplinar, considerando a memória, o afeto e os sentidos, seja no refeitório ou na sala de aula.

### Referências bibliográficas

- \_\_\_\_\_. BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Lei no 11.947, de 16 de junho de 2009.
- \_\_\_\_\_. BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Resolução no 26, de 17 de junho de 2013.
- \_\_\_\_\_. BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas.
- CARRANO, P. C. R. **Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades**. *Diversia*, no 1, CIDPA Valparaíso, Abril 2009, pp. 159-184.
- DIAS, J. D. R. **O lugar da comida na escola: interseções com alimentação, cultura e sociedade**. Dissertação de m(Mestrado -- Programa de Educação em Ciências e Saúde, Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde – (NUTES)/UFRJ). Rio de Janeiro, 2013.
- FISCHLER, C. *El (h)omnívoro – El gusto, la cocina y el cuerpo*. Editora Anagrama: Barcelona, 1995.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d' água, 1998.
- GARCIA, M. A. A. **Saber, agir e educar: o ensino-aprendizagem em serviços de saúde**. *Rev. Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, v. 5, n. 8, p. 89-100, 2001.
- PÉREZ, G. A. **La cultura escolar em la sociedad neoliberal**. Madrid: Ed. Morata, 1999.
- POLLAN, M. **Cozinhar: uma história natural da transformação**. Trad.: Cláudio Figueredo. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2014.